

Empilhar Vestígios

Cainan Rodrigues Neiva

Empilhar Vestígios

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Sob orientação da Prof. Dr. Karina Dias.



Brasília, 2017

Agradecimentos

Gostaria de agradecer algumas pessoas pelo apoio sem o qual este trabalho não seria possível. A Kabe Rodriguez por todos os empurrões, conversas, acolhimento, esforço e interesse em ver os trabalhos acontecerem e instigar a atenção e o cuidado para com todas instâncias que o rodeiam, apoio que proporcionou um aprendizado imenso.

A orientadora Karina Dias por abraçar o projeto e se abrir para viajar junto, divagar sobre as ideias e por trazer um pensamento afiado e questionador, clareando os caminhos e estimulando a formulação e a reflexão do trabalho.

Agradeço também a companhia das pessoas que moram comigo, e que me incentivaram e trouxeram a confiança necessária para encarar essa jornada. Agradeço aos meus pais pelo apoio e carinho incondicionais, curiosos e confiantes, sempre me estimulando, ajudando ao longo de todo meu caminho. Agradeço às amigadas, pelo convívio e pela troca que me ensinou e transformou numa forma que nenhuma instituição conseguiria. Por último agradeço a oportunidade de frequentar a Universidade de Brasília, lugar que virou como uma casa, ponte que me ligou a experiências e encontros que carregarei pelo resto da vida.

Índice

Encontros e Derivas	6
Apresentação	8
Lista de Palavras	10
Repetição	12
Aderência	15
Carregar	17
Confronto	20
Gravidade	23
Cadeira	25
Gaveta	28
Circunstância	31
09 de Outubro	34
Contato	36
Entulho	39
Apoio	42
Ocupar	44
Queda	48
Imagem das coisas	53
Bibliografia	58

Encontros e Derivas

Cecilia Cotrim, Glória Ferreira, Escritos de artistas anos 60/70

Francis Alÿs, Numa Dada Situação

Gaston Bachelard, Poéticas do Espaço

Jorge Larrosa, Notas sobre a experiência e o saber da experiência

Marta Jecu, Conceitos São Imagens Mentais: O Trabalho Como Ruína

Martin Heidegger, Construir, Habitar, Pensar

Milton Santos, A Natureza do Espaço

Nizia Villaça, A edição do corpo

Rodrigo Naves, O vento e o Moinho

Vilém Flusser, Do Inobjeto

Walter Benjamin, Experiência e pobreza

Coloco aqui a lista dos autores nos quais me imergi ao longo do processo do trabalho. Foram presenças essenciais para o pensamento, e muito do que estrutura o texto à seguir parte do encontro com suas idéias.

Apesar das mínimas citações presentes no texto não posso deixar de reconhecer que muitos dos rastros foram sinalizados pelos autores ao lado, esbarrões oportunos que convergiram com as motivações que me trouxeram a estas notas.

Por uma escolha que visa deixar mais fluido a fragmentação do pensamento ao longo do texto, me limito a localizá-los como estes portos aos quais me agarrei e recorri. São âncoras e disperções que me colocam num movimento ondulatório.

Apresentação

O texto que se segue é construído à partir de notas processuais, conjugadas à prática desenvolvida. E é no formato fragmentado e disperso de uma anotação que desenvolvo este texto.

O trabalho que o texto se propõe a pensar consiste no movimento de esbarrar com objetos largados, em sua maioria gavetas e cadeiras; coletá-los, guardá-los e arranjá-los numa espécie de pilha; uma estrutura instável. Construo então uma situação que se articula de forma diversa à partir do lugar em que é instalada.

Numa perspectiva que beira o escultórico trabalho o pensamento de moldar, como uma forma de ajustar-se, uma espécie de aderência, onde me utilizo dos objetos contornando e apoiando-os em diversos lugares. Como num experimento que tenta olhar formas possíveis de se envolver e articular um espaço; que tenta pensar as possibilidades que as coisas têm de se ajustar à uma situação.

Pelo caráter de nota do texto, as referências à outros autores vêm em sua maioria à parte do corpo dele. Localizados como companheiros e encontros oportunos, que apoiam e integram o pensamento. Quanto

às referências visuais, me limito a articulá-las com o texto exclusivamente enquanto imagens, por crer que a abertura e diálogo que elas estabelecem como tal extrapola o que possa ser escrito sobre elas.

Em um aspecto de rascunho, o texto não segue aqui uma linearidade, ao invés disto, divaga. Foi construído em diálogo com os trabalhos enquanto eu os executava, partindo de listas de palavras que foram sendo associadas à ele. À partir da repetição e adensamento da prática busquei desenvolver palavras chaves que pensassem algumas possibilidades que o trabalho aponta. Porém, assim como o trabalho prático contém brechas, o texto também as contém. É uma tentativa, não de concluir ou fechar um raciocínio sobre algo, mas de rodear e adentrar algumas zonas, tendo consciência de que tantas outras escapam. O texto não é dividido em partes, é um agrupamento diverso de pensamentos. Tendo o trabalho como eixo as notas circundam e se aproximam dele; fragmentando e envolvendo partes do corpo do trabalho, numa espécie de contenção que tenta reconhecer o relevo da prática. Trabalhar com pedaços de coisas é trabalhar com abismos, e neste caso, talvez o texto também o seja, abismo, fragmento que mira o desabamento de si.

O olhar que volto para os objetos é o de uma subjetividade, que tenta observá-los pare além de sua funcionalidade prática, entendendo-os à partir de uma relação de interdependência com tudo aquilo que estrutura um indivíduo, ou seja, não só aquilo que ele executa mas também sua influência nos afetos, nos pensamentos, na estrutura da nossa imaginação, no nosso habitar. Assim como objetos, lugares também fazem parte dessa influência, dessa relação que se apoia e se constrói; de uma correlação que se ergue e transforma nosso contato com o mundo.



Cainan Rodrigues, Sem Título(da série Situações), 2016

Sustentar
Guardar
Tensionar
Equilibrar
Decompor
Ceder
Decorar
Cindir
Sobrepor
Rearranjar
Coletar
Atravessar
Erguer
Deslocar
Tropeçar
Cambaleiar
Colidir
Situar
Convergir
Projetar
Carregar
Ocupar
Sinalizar
Alinhar
Realojar
Falhar
Aglomerar
Esbarrar

Borda
Instável
Apoio
Superfície
Aderência
Destroço
Fragilidade
Queda
Junção
Gravidade
Colapso
Rasgo
Limite
Aparato
Tralha
Instante
Capenga
Desvio
Chão
Brecha
Alcance
Limiar
Risco
Armadilha
Território
Fronteira
Artefato
Esquiva
Entulho
Rastro
Circunstância



Cainan Rodrigues, Residir, 2016

Repetição

Redistribuir
Realocar
Rearranjar

Talvez a repetição seja aqui um marco de algo inalcançável, indicando a impossibilidade de terminar, de dar estabilidade e encerrar o trabalho, o pensamento. Repete, pois sempre escapa de si, aloja-se pouco a pouco numa forma diferente no espaço que cria.

Talvez seja uma estratégia massante, que cria uma espécie de desgaste, mas é este desgaste que levanta a questão do limite. Na ação de empilhar objetos constantemente me deparo com o desabamento, me resta então remontar, e novamente a queda.

Nessa forma de trabalhar, o que delimita o fim?
O desgaste físico?

A impossibilidade de continuar, pois os objetos se despedaçaram a ponto de não ser possível continuar?

Talvez ambos, talvez nenhum deles. Sinto como se esse fim não pudesse ser dado, é uma espécie de trabalho movediço, onde

mesmo quando as peças estão no lugar, elas ainda se realoam, numa constante tentativa de assentar-se.

A repetição fica como a constante busca por um lugar, onde uma espécie de reflexo em descompasso se apresenta sempre dissimulado, em atraso, quando chega, já não reflete mais a imagem da coisa, algo que sempre escapa ao seu próprio reflexo, ou que reflete o próprio desabamento.

Me interessam neste ato: o estar, o localizar, o marcar. Essas instâncias que nos situam em um entre, que nos colocam em meio as coisas. Elas não são reflexos de nós. Tampouco são elementos externos e definitivos que encerram o lugar das coisas; são partes dos fragmentos que nos constituem e que constantemente buscam lugar, retornando sempre a esse ponto de completa incompreensão que é o desabar, e reiniciando a busca.

Vejo esse constante retorno como um movimento que tenta dar relevo às coisas que escapam e surgem a cada investida. Uma ação que constata a inconstância dos elementos que a constituem, e que se faz nisso, neste estado de instabilidade.



Cainan Rodrigues, Cambalear, 2016



Adrián Villar Rojas, Los teatros de Saturno, 2012

Aderência

Ajustar
Aproximar
Adaptar

Estar ligado.

Os objetos indicam um corpo, mesmo que seja a ausência dele. São como impressões feitas a partir dos sujeitos, superfícies gravadas, matrizes nas quais movimentos são traçados e impregnados. Ecoam e exalam este encave, ao mesmo tempo em que cavam e moldam.

Ater-se a um objeto, demorar-se junto a ele, é um convívio que se adensa. Como um tempo necessário para que um se assente no outro. Uma troca mútua, onde ambos os lados dão espaço de si para o outro; uma osmose, que instaura um reajuste dos elementos que se aproximam.

Acomodar-se em algo é esse momento nebuloso de contato, onde a mistura entre os lados borra os limites. Ligar-se à algo como uma tentativa de estabelecer o nosso lugar entre as coisas e, ao mesmo tempo nessa tentativa, dissolvermos-nos pouco a pouco naquilo a que nos ligamos.

Nessa dissolução, frequentamos as coisas

numa tentativa de desvelar, ou ao menos delirar junto à elas sobre o estar. Diferente do mapa que tenta delimitar, nos imergimos nos relevos e, tão movediços e moles como eles, nos encontramos num entre, em meio à uma espécie de inquietude instável que cede aquilo que a atravessa, que desdobra e ecoa a passagem das coisas

.
Como películas porosas absorvemos, somos preenchidos e esvaziados por esses movimentos. Uma aglutinação, que ao mesmo tempo em que situa através das ligações feitas, deixa mais escorregadio o limite, e nesse difundir-se entre as coisas o aproximar e o dispersar se sobrepoem, são simultâneos.

Ajustar então é, além de ceder à forma de algo, dispersar-se, tornar-se parte através desse ajuste, aderir a forma das coisas.

Afiliar	Formar
Prender	Derivar
Associar	Contornar
Pertencer	Acomodar
Marcar	Talhar
Sobrepor	Assentar
Tramar	Avizinhar
Assimilar	Nortear
Encaixar	Medir
	Intercalar



Cainan Rodrigues, Alcance, 2016

Carregar

Inteirar
Conduzir
Impregnar
Adensar
Conciliar

Os objetos carregam consigo uma marca de ocupação, traços dos movimentos de quem os utiliza. Hábitos, estados, indicam mesmo que sutilmente uma subjetividade, ao mesmo tempo guiam direções ou preferências do nosso estar. Eles se impregnam de nós e também nos adensam. São partes entranhadas do nosso habitar. Marcam uma esfera individual e também o lugar, se enraízam e o indicam, conduzem os movimentos através dele. Vão do âmbito particular ao cultural.

Penso então no encontro com objetos quebrados, descartados e já deslocados do contexto em que se situavam. Utilizo-os como uma espécie de quebra-cabeça, onde o objetivo não é montá-lo mas ao contrário, analisar e mover suas peças soltas.

Usar destas peças é uma possibilidade de me imergir nos lugares e movimentos ao qual elas se ligam. Porém, através do

abismo dessa fragmentação, da falta de uma imagem completa. Falta não por um sentido pesaroso. Oportuna como uma brecha atravessando e desvelando o interior de algo.

Ao montar estruturas com estes objetos aproximo e articulo derivas, uma unidade instável que se sustenta pelas brechas e encaixes improváveis, interagindo as fissuras que os desapropriam, compartilhando a presença dessa falta.

Carregar é portar e é também preencher. No sentido de portar é como absorver a carga de algo e nisso dividir o peso dela, tomar parte, é uma espécie de liberação de espaço, ou uma partilha dele. E enquanto preenchimento é como introduzir algo, alimentar o espaço partilhado, impregna-lo de uma presença.

Ambas instâncias são possíveis através dos objetos, portar e preencher, eles conciliam habitante e habitação, mediam relações e as guiam através dos espaços, um estado constante de partilha.



Doris Salcedo, The weight of a body, 2015

Confronto

Dissipar
Contrastar
Avizinhar
Amparar

Quando um objeto é posto num lugar o espaço o absorve e digere, engloba-o nos movimentos que lhe atravessam. O objeto passa a fazer parte do espaço da forma que for possível, desde do acolher ao repulsar. Essa absorção ocorre como num trânsito cósmico, os objetos se unem por esse sistema peculiar, o espaço.

Durante minha infância gostava de levar para casa coisas achadas no caminho, materiais diversos, imagino que isso ocorra a muitos. A possibilidade desses encontros me é muito cara, e se tornou um ponto forte de gravidade em relação à minha pesquisa artística.

Me parece que uma espécie de atenção distraída abria a possibilidade desses interesses repentinos, estabelecendo um grau de atração quase magnético em relação aos objetos/vestígios. Uma disponibilidade despreziosa. Não era necessariamente um olhar de procura, uma vontade de achar

algo que trazia estes encontros; mas um espaço de abertura que permitia e alterava o olhar e fazia com que aquilo que estava nos arredores pudesse abrir interesses. Fazer um relevo específico dentro do campo do olhar. Procurar esquecendo que está procurando, procurar como abrir um campo de chances para que as coisas possam nos invadir. O olhar de quem procura algo específico e o daquele que de súbito para a reparar o vento. De quem dá espaço ao espaço.

Vejo esse momento de esbarrar com algo, como uma situação onde o espaço nos invade; ele toma lugar em nossa percepção e nos aponta algo, talvez diferente duma posição dominadora, somos possuídos por ele, estamos em seu meio.

Estar no espaço é estar entre, e nisso, o confrontamos num sentido de contraste, encarando e distinguindo posições e relações presentes nele. Em contrapartida também somos confrontados tanto pelo espaço quanto por aquilo que está em seu meio. Um confronto que percebe vizinhanças, uma espécie de amparo. O espaço agrupa diferenças e semelhanças, as coisas se estruturam em seu meio e não importa o contraste, todas compartilham um estar.



Cainan Rodrigues, Sem Título(da série Situações), 2016



Yukihiro-Taguchi, Moment , 2007, Floorboards, Air Garten Galerie,

Gravidade

Tensão
Deslocamento
Interferência
Fluxo

Força de interação, influência, movimento. A matéria parece tender a um movimento próprio inscrito nas influências que nela age. Às vezes manipular, empilhar, equilibrar, amontoar, erguer é assistir uma tensão se formar, algo que pressiona o conjunto, como se os elementos nessa tensão se projetassem para fora dela, para um outro estado, como uma vontade própria em ceder, liberar-se e seguir o fluxo que nela age.

Erguer nesse sentido, parece uma espécie de barragem ou teste em relação a este fluxo, até o ponto em que ele transborda desmoronando o conjunto. Reconstituindo-se e rearranjando em decorrência das forças de interação que impulsionam esses elementos.

Será a tensão e potência deste movimento o que traz a propriedade de aderência e sustentação de um material?



Cainan Rodrigues, Guardar, 2016

Cadeira

Assento
Apoio
Auxílio
Estrutura

Pensar o objeto cadeira, é pensar também o que é sentar, ter lugar. E não só lugar mas também o repouso nele. A cadeira como um encaixe que é moldado como parte do corpo, uma espécie de esqueleto específico que sustenta uma ação.

As diversas cadeiras, os lugares que elas ocupam e a quem se destinam possibilitam distintas relações. Uma cadeira frente a um altar designa um lugar específico, emana a autoridade de quem o ocupa; já cadeiras numa sala de espera posicionam além do aguardo uma ordem à ser seguida. A cadeira em si não representa autoridade, mas sua forma e lugar auxiliam essa e outras posições. Ela, assim como outros objetos, estruturam uma ação e um lugar, como uma marcação, mapeiam modos de ocupação.

A ausência de assentos indica uma falta de lugares, apesar do chão ser o assento primeiro, a falta de bancos representa um

lugar de passagem, um lugar onde não se senta, não se pausa, as ações são contínuas até o ponto de parada.

Sentar como esse aguardo ou mesmo uma mudança nas dinâmicas das ações em relação ao espaço; temos o hábito de comer sentados, e o contrário é visto com certa estranheza. Isso para dizer que esta ação específica é acompanhada de outras que ela não só acolhe mas encaminha, e a quebra dessa estrutura de ações traz minimamente estranheza, como se fazer uma ação fora de lugar representasse a falta dele.

Esse encadeamento de ações monta sistemas de relações possíveis através dos espaços; delimita e designa-os a partir de como são ocupados, na intenção de marcar como eles devem ser utilizados, uma ordem ou ordenação restritiva, já que almeja barrar ações que não são bem-vindas. Nesse sentido o próprio acolhimento é dúbio, pois acolhe ações ao mesmo tempo restringindo outras, ou ao menos formatando como devem ocorrer.

Ao me utilizar de cadeiras nos trabalhos, almejo pensar nestes desígnios de ações, nos espaços que elas indicam, e até mesmo os tempos, a relação de pausa, de

contemplação, mas principalmente a relação de ter lugar, ter espaço entre as coisas que acontecem. Pensar nessa espécie de permissão sobre a utilização dos espaços, e como os objetos indicam essa autorização, assim como a negação dela, como as lanças colocadas em fachadas de prédios impedindo que se sente nas muretas.

Esse mapeamento dos espaços através dos objetos é uma influência direta nas dinâmicas e tempos de cada lugar, uma contenção.



Sara Ramo, The Gardem from Free Zone, 2013



Cainan Rodrigues, Sem Título, 2016

Gaveta

Acomodar
Reter
Omitir
Portar

Este objeto é tão múltiplo enquanto possibilidades para refletir sobre que aqui conseguirei tocar apenas em pequenas partes dele. A gaveta apresenta com força a possibilidade de ocultar algo do mundo, é um espaço onde somente aquele que o possui sabe sobre o que está guardado. Essa ação de encobrir a presença representa muito bem o que é a esfera do privado; poder reservar-se dos acontecimentos, criar um espaço próprio onde a ocupação e o hábito são regidos por si. A sensação de isolamento e resguardo que a gaveta manifesta se liga muito bem as edificações do meio urbano, espaços específicos destinados a usos restritos, cada uma com um conjunto de hábitos e funções distintas.

É um objeto que manifesta o mistério, e desvelá-lo é adentrar um universo resguardado. A gaveta traz um lugar da omissão, essa pausa na manifestação e influência do que está guardado.

Essa interrupção muito me interessa nesse objeto, junto a isso a sensação de vulnerabilidade de uma gaveta exposta, apesar de sua estrutura tão maciça e fechada.

O cercamento que a gaveta proporciona é uma brecha interessante para explorar o limite, a contenção e a sensação de expor; abrir como numa autópsia as entranhas desse objeto e das ações abrigadas nele. Outro ponto de interesse é que a gaveta não é autônoma, ela se torna esconderijo somente junto a um móvel, essa necessidade de uma articulação me atrai pelo sentido do deslocamento, a sensação de retirar uma engrenagem e observar o que ela desempenha.

Com esse deslocamento, manipulo algo que é como um símbolo da residência, do interno, retirando a possibilidade de isolamento, mas me utilizando desse cercamento como uma forma de pensar as delimitações dos espaços, o que elas comportam e com o que se articulam.



Kishio Suga, Law of Multitude, 1975.2012



Rafael Ibarra, Intimate space N.1, 2009.

Circunstância

Duração

Brecha

Contingência

Indício

A circunstância transita dentro e no entorno de uma situação, é conjunto, índice, ela permeia. Ela fala sobre as possibilidades de que algo ocorra e com isso ela estrutura os acontecimentos e simultaneamente pode estar fora deles. Como fios que se alojam numa trama, ela parece falar sobre o movimento das coisas, sobre essa dinâmica composta e complexa que articula as vidas.

Penso que a circunstância fale sobre conectividade, como o estado integrado no qual as coisas habitam, sendo ela essa liga que navega nos entres e nos interiores, como puro atravessar, ela se infiltra e conecta, sem que seja possível perceber sua extensão. Ela é anúncio porém não é aquilo que se concretiza, parece falar sobre o imensurável número de ligações possíveis de situações, fala sobre um movimento que se alastra. Ela é algo que atinge, que marca o alcance de um

momento, porém ela mesma o escapa, é a brecha que não conseguimos tapar ou perceber.

O sentimento que me traz a essa nota, é talvez o da partilha, uma tentativa de pensar o encontro de acontecimentos ininterruptos de diversas direções, e a forma como eles se influenciam, se conectam.

Talvez a aproximação com a circunstância, venha do interesse de tentar circundar determinado fator, somente para perceber a impossibilidade disso, perceber tudo que escapa das mãos. Uma tentativa interminável de contornar um acontecimento, sempre esbarrando em coisas que atravessam. Essa cercamento e localização, como uma vontade de estabilizar e situar algo, determinar.

Erguer uma circunstância parece ser como levantar um derramamento de fugas e desvios, quedas e abismos. Catar os fragmentos dessa dispersão e erguê-los de novo. Uma tentativa de duração imensurável.



Cainan Rodrigues, Sem Título, 2016



Tadashi Kawamata, Under the Water, 2012

09 de Outubro

Hoje de dentro do quarto ouvia estalidos, como o ranger de bambus junto ao vento. Havia montado uma estrutura de objetos próximo à janela e era ela que ressoava, movia junto ao vento. Um outro estalo começa, chuviscos caíam e sua queda ressoava, ecoava como um estalar de dedos ritmado.

A estruturas que monto nem sempre se movem, mas sua disposição permite isso. Ao mesmo tempo que talvez seja um sinal de sua instabilidade, coloca também um lugar sobre a resistência de uma construção aos movimentos que sobre/com ela agem. O som fica ali como a marca de um deslocamento, de uma estrutura que se deixa mover, que no trânsito das coisas têm sua própria voz e seu próprio eco.

Contato

Desmanchar
Aproximar
Englobar
Diluir

Os objetos se conectam conosco de tal forma que nos impregnamos deles e eles de nós. Além disso eles nos ligam à situações ao nosso redor, são como uma massa espessa que age conectando lugares e indivíduos. ou separando-os. Mediadores. Os objetos se alojam, não somente no espaço, mas em nós, eles nos mobiliam internamente.

Pensar o contato é para mim pensar a partilha de uma impossibilidade, a impossibilidade de conhecer e desvendar completamente as coisas das quais nos aproximamos. Entrar em contato é uma ação que cria espaço dentro de nós para receber essa aproximação; porém partindo dessa impossibilidade. vejo o movimento de ligar-se como uma ação de desmanche, onde na tentativa de criar a abertura para nos ligarmos a algo fragmentamos ele nas partes que conseguimos englobar. Uma aproximação que torna o contato turvo.

Ao mesmo tempo, a conexão faz com que o espaço criado para abrigá-la se ligue e transforme aquilo que já nos habitava. Nesse sentido ligar-se a algo é reconfigurar a nossa vivência dos espaços; o desmanche e o rearranjo agem simultaneamente naquilo que nos ligamos e em nós.

Esse movimento acaba por trabalhar os limites, os relevos das coisas, de alguma forma diluindo-as umas nas outras, fazendo com que os espaços que cada coisa acessa se misture. Na experiência de esbarrar e coletar objetos, observo esse movimento de mistura ocorrendo desde o primeiro encontro, onde os objetos abrem um espaço de interesse que passa a se misturar e remodelar as possibilidades da minha pesquisa; as vontades e soluções plásticas tomam forma; as próprias referências agem também ampliando o campo de possibilidades.

Os encontros acabam sendo como pontes que materializam e revelam interesses, os quais antes eu não conseguiria descrever.

O contato fica então como esse movimento nebuloso, que ao mesmo tempo que embaça a percepção sobre o que foi conectado, abre caminhos que somente o encontro poderia mostrar. Se ligar a algo é lidar com fragmentos. Atravessamento que

inevitavelmente conjuga espaços. Lidar com barragens e contenções mutáveis, descobrir diariamente novas bordas.



Cainan Rodrigues, Molde, 2016



Laura Vinci, Máquina do Mundo, 2005

Entulho

disperso	o horizonte do entulho é aquilo que ainda está de pé	assentamento provisório corpo deslocado móvel
profuso	labiríntico	estilhaçado - erodido exposto - vulnerável - frágil reunião improvisada díspare
deslizamento	amontoado	
empilhamento	desalojamento	encontro sem seleção des-centrada acaso corpos em deriva de si e entre si uma espera e uma interrupção uma cisão atravessada
ruidoso	desapropriado	
	desarmado	
unidade despedaçada		
montar o desmanche		colapso da unidade dispersa por todos os cantos
orientação errante		
denso	Um corpo	
colina/morro/aglomerado	construído/formado pelo pelo lance uma distribuição	arremesso,



Pedro Cabrita Reis, South Wing, 2015

Apoio

Molde
Interdependência
Amparo

No desenvolvimento da pesquisa de empilhar objetos, o primeiro curso de ação que empreguei era o de montar estruturas verticais, com uma sustentação precária, contidas por si mesmas, independentes de qualquer outra coisa. No decorrer do processo essa autonomia passou a ser incômoda. Algo instigava para que as montagens fossem feitas se articulando com o espaço em que elas estavam, talvez posicionando uma dependência ao invés de um confronto com o lugar.

Levando em conta que eram as fissuras e protuberâncias dos objetos as coisas utilizadas para erguer as estruturas, essa mesma estratégia foi sendo usada para encontrar ou formar brechas no espaço a partir das montagens. Essa relação de escorar apontava para um lugar de interesse que era: observar a correlação que objetos e lugar compõem para indicar possibilidades do estar.

Como erguer e articular uma situação?

A relação entre objetos e indivíduos instaura uma dinâmica do lugar, e remolda, afirma e/ou confronta sua organização. O que esse apoio mútuo da composição espacial posicionava eram as tensões que esta interdependência podia estabelecer. Neste sentido a resistência sendo testada e posta à prova nas execuções do trabalho, era menos a da estrutura de objetos em si e mais a do próprio lugar.

Em certos momentos a densidade com a qual o lugar pressionava a estrutura era tamanha que ela era engolida por ele, se submetia. Enquanto em outros mesmo uma ação mínima era capaz de perturbar e pressionar a constituição do espaço. Porém não percebo esse confronto como uma espécie de guerra pelo domínio, mas como um exercício de flexibilidade.

O quão maleável determinado lugar é para acolher ações e ocupações diversas?

Se tanto objetos quanto lugares estão num sistema de localização e articulação de espaços, o que eles afetam e trabalham em conjunto são as ações possíveis. O apoio como um acolhimento que é capaz de integrar as instâncias que agem no espaço. Essas articulações se trabalham constantemente, quase como um movimento geológico, se reassentando em si, testando e tecendo as características deste escorar.

As qualidades do nosso habitar se assentam e passam a significar os espaços ao ponto que um lugar é instaurado geograficamente nele. O habitar reivindica um espaço para si, criando lugares que localizam suas diversas possibilidades. Tento então investigar a sustentação destas características que conformam um lugar a partir de ações que provocam a marcação dele.

Pensar a coatuação que instaura um lugar, traz uma sensação de fragmentação, como se cada parte que o compõe só existisse a partir dessa dependência cujo o destino é o de se remodelar e repensar; um sistema que se retroalimenta, sempre se lançando ao mesmo tempo em que se habita.

Repensar, é como uma atividade de dissecação, na qual penetramos nas peculiaridades de um lugar e reestruturamos a própria ligação que o configura. Percebo essa ação como uma espécie de queda/suspensão, onde é necessário tatear as peças de uma composição; é necessariamente um deslocamento, um desalojar.

Na tentativa de investigar as configurações de um lugar e sua localização nos movimentos cotidianos os objetos foram meus pontos meus pontos de entrada.

Como uma espécie de codificação do lugar eles demarcam, especificam e comunicam sobre as disposições espaciais. Percebo a entrada por esta ação como uma possibilidade de pensar a estrutura da configuração espacial, descrita aqui pela relação do escorar, a partir das coisas que guiam e acolhem indivíduos através dos espaços com a maior proximidade. Pensando as possibilidades de ocupação e transição que os objetos podem propor quando deslocados. Não somente deslocados mas na impossibilidade de exercer sua função, acolher e situar, numa espécie de instabilidade que retira o lugar, transformando a demarcação dele; simbolicamente restringindo a eficiência destas ferramentas de localização dos lugares. Provocando uma situação de desabamento, almejo talvez acessar uma espécie de desconfiança nas estruturas que compõem um espaço

Pensando que apoiar é ceder parte de si para sustentar o outro, vejo essa relação de interdependência como algo essencial para a realização de algo. Ceder é necessário para a própria inteireza das coisas, pois é neste movimento de apoio que pessoas, lugares e objetos se fazem e se refletem; mais do que apoiar se penetram e se enraízam um no outro, uma relação visceral, híbrida.



Chiharu Shiota, A room of memory, 2009

Ocupar

Cuidar
Habitar
Despender
Consumir
Envolver
Preencher

Uma das ações e estados mais profundos na nossa relação com o espaço. Muito além de simplesmente preencher um lugar, ocupar é ligar-se e pertencer ao espaço, uma instância de acolhimento e troca intensos. É um envolvimento que permite a conexão de todos os espectros do nosso ser a um espaço. Coloco isso como um estado devido à potência variada de qualidades presentes no que é o preenchimento que a ocupação provoca. Sinto-a como sendo o âmbito que de fato completa, torna possível o estar, tanto como sensação quanto ação.

Ocupar tem tanto o sentido de cuidar de algo, quanto de preencher, exercer, dominar, empregar, consumir, captar. Penso que o domínio exercido quando ocupamos é por parte do espaço e não nosso; é ele que toma para si as partes de nós que se ligam a ele, com isso fazemos parte, nós é

que somos invadidos pela imensidão do espaço e com isso surgem as possibilidades de transformar, transitar, residir. É quando percebemos que o espaço nos cabe que nos ocupamos dele, que lançamos mão dos nossos sonhos, anseios e suor.

Para mim um exemplo marcante disso, foram as ocupações que ocorreram na Universidade de Brasília, assim como em tantas outras universidades e colégios no ano de 2016, cheias de complicações, situações controversas e incômodas. Não posso dizer que não me sentia acolhido antes disso pela universidade, sempre tive um carinho imenso por esse espaço e inúmeras vezes ao voltar de viagens, era este o primeiro lugar que eu visitava para me sentir em casa. Porém residir naquele espaço, lidar com a manutenção e segurança dele, estar lá em situações tão diversas e distintas das de aula transformou completamente a experiência que eu tinha daquele espaço. A mera possibilidade de cozinhar, limpar, manter aquele lugar proporcionou uma dimensão mínima do quanto o modo que lidamos e ocupamos um espaço transforma a experiência que temos dele, e a noção que temos de suas disposições e demandas.

Esta nota sobre ocupar já possuiu um con-

teúdo muito diferente deste apresentado agora. Perceber o quanto a imersão no trabalho e no pensar sobre ele, não como algo isolado da minha vivência, mas como parte constituinte dela, que se modifica através dela trouxe outra clareza e interesse nessa e nas outras palavras desse texto. Foi uma oportunidade de ver a consideração sobre as coisas sendo modificada e trabalhada pelos dias, como me demorar junto a elas e sentir seu peso, sentir propriamente o espaço que elas ocupam e as questões que elas apontam. E esta é a dimensão que o ocupar tomou. No demorar-se junto às coisas podemos perceber o quanto o modo que nos relacionamos transforma a nossa percepção sobre elas.

Ocupar sendo essa instância de integração, onde o lugar se torna esse estado que nos preenche com as dimensões do espaço, vastas e possíveis. Muito me atrai quando Heidegger escreve que o habitar não se resume a residência, mas a todas instâncias que compõem o nosso estar, as indústrias, as estradas, o comércio, as praças; além disso o fato de que construir é também habitar, não simplesmente um meio para se poder habitar. É esse sentimento de extensão que me traz a essa nota, a noção de que construir, mobiliar, residir, transitar, ocupar, são instâncias

do que é habitar, do que o espaço torna possível, pois é ele que nos preenche e dá sentido.



Giuseppe Penone, from "Maritime Alps- My height, the length of my arms,
my width in a stream", 1968

Queda

Atravessamento

Ceder

Aguardo

Anúnciação

A queda é algo que implica mudança, uma experiência de descontrole, onde pouco se pode guiar do percurso, que pela gravidade se destina ao chão. Mas além do despenca-queda também pode ser inclinação, declive, uma tendência para algo. Neste caso a queda é como um apontamento, uma direção.

Através da experiência de empilhar objetos uns nos outros, de amontoá-los, a queda se fez uma parte constante do processo. O desabamento quando não instantâneo era iminente, uma experiência desestabilizadora, uma espécie de choque. Nem sempre a queda era total, por vezes as partes que caíam se assentavam em alguma outra parte da estrutura, mas era sempre uma transformação que fugia ao controle, não era uma ação desempenhada por mim, era algo que por uma tendência acontecia.

A constância dessa súbita mudança na ação empreendida por mim armou uma espécie de anúncio. A queda se tornou

uma força que gravitava e agia na estrutura. A ação de erguer passou então a ser construída com essa companhia, a queda erguia junto a mim as estruturas. Ela trouxe o limiar da sustentação para o campo desse experimento e junto a ele trouxe também a duração. Circunstâncias que abriram o espaço para pensar:

O quanto uma ação perdura? E mais do que a ação, aquilo que ela produz?

Neste sentido a queda, mais do que um fator desafiante ou perturbador, se tornou uma presença de reflexão, pois quanto mais coisas eram erguidas mais ela abria espaços para olhar o que move as bases do construir, e tornar a força com que o tempo age sobre uma estrutura muito vívida. A ação temporal e o desabamento agindo sobre os desígnios dos gestos desmembrando todo o controle, toda funcionalidade.

O trabalho parecia morar e se expressar cada vez mais pela queda e pela ausência daquilo que foi erguido do que pela construção em si. Um gesto que deixa cacos e não obras. Esse vácuo criado pela queda alimentava mais ações, pois ela quebrava o limite posto pelo finalizar e junto a isso o objeto final.

A queda mostra o peso do que se constrói, e com ele a força necessária para que se transformem as significações de um lugar. Reformar um prédio ou uma rua não significa intrinsecamente mudar as construções de hábitos e significados que aderiram a estes lugares. Este recapeamento maqueia essas ações. Mudar o lugar quanto aquilo que o constitui e institui demanda movimentos e forças muito maiores do que uma simples reforma. Neste sentido, quando o lugar, em todas suas instâncias formadoras, é abruptamente transformado esta ação é muito mais do que um simples edificar, ela soterra vivências, ela soterra espaços.

A duração do trabalho é estipulada pela instabilidade, uma estrutura que não tenta resistir às forças que a modificam, mas que se faz nestas forças, cede a elas e as torna parte de sua existência. Pensar nesse ato de ceder a partir do construir levanta questões como:

O quanto a palavra construir tomou o significado de permanência como sua essência?

Quanto os monumentos urbanos e históricos cedem para a vida que os habita diariamente?

O trabalho que desenvolvo com objetos é permeado por um desalojamento, essa falta de abrigo fica presente tanto no encontro com os objetos, abandonados quanto no próprio ato de empilhá-los. Na instância do encontro é o lugar, que dá sentido ao objeto, que está deslocado; já na ação de empilhá-los além da espacialidade a temporalidade do conjunto formado pelos objetos é que se instabiliza. Nessa instância meu olhar se volta para os fatores que assentam as características de um objeto. Aqui a queda volta pelo seu sentido de anunciação, de inclinação, como uma força que em conjunto com os movimentos empregados sobre algo direciona-o e destina a um lugar. Por essa via a própria queda vira abrigo, ela acolhe no sentido dessa tendência, um declive que encaminha para uma direção. Ao mesmo tempo ela apresenta o desalojamento e o afastamento. No trabalho que desenvolvo com os objetos a instabilidade e a precariedade desse construir instituem uma falta de lugar.

A espacialidade instaurada pelo trabalho confronta o lugar, a função dos objetos e os indivíduos, posicionando todos em sua instabilidade, levantando uma desconfiança. Não se trata de uma cadeira onde alguém possa sentar, é exatamente a impossibilidade desse acolhimento. Uma fresta na relação indivíduo/objeto que posi-

ciona uma distância, ou ao invés da distância propriamente dita, instaura uma espécie de fronteira, uma cisão, uma falta de lugar mútua.



Cainan Rodrigues, Sem Título(da série Situações)



Jose Davila,Zimbabwe (amarillo), State of rest 2014



Cainan Rodrigues, Espelho, 2016

Imagem das coisas

Passagem
Sentido
Espelhar

Nesta nota irei partir do momento de montagem do trabalho em um espaço específico, numa galeria, o Espaço Piloto da Universidade de Brasília. Tentando observar o percurso de pensamento para lidar com esse espaço. O lugar destinado ao trabalho foi o corredor localizado no mezanino da galeria.

Pensar um corredor é lidar com uma área que atravessa e interliga divisões. Lugar onde não permanecemos, somente passamos e no qual por vezes se posiciona algo ou alguém que filtra a entrada. O corredor é ao mesmo tempo o que conecta e o que separa, é uma espécie de permissão de passagem. Numa casa ele liga a região mais íntima aos espaços comuns.

A primeira vontade para mim ao lidar com um corredor foi a de barrar, retirar a passagem, tomar esse lugar de conexão e torná-lo um lugar de parada, um lugar onde podemos nos demorar, deslocando a função dele, tornando-o algo que não

conecta a nada. Além dessa vontade, existia também uma intenção de me relacionar com a parede, partindo de um pensamento de molde, apoiando e ao mesmo tempo espelhando o papel da parede. Ela age como algo que controla, delimita e contém os lugares, ela é a borda que os estrutura primeiramente. Com isso ao ocupar este lugar específico parto da vontade de redenhá-lo, retendo uma função e ao mesmo tempo dando a possibilidade de outra, posicionando outra relação com o espaço. Através da fragilidade da estrutura que passa a reter a passagem sinto uma estranheza que se liga diretamente a parede, a força da interrupção que ela causa, essa secção que posiciona o fechado e o aberto, o público e o privado, que estabelece distâncias.

Partindo dessa ação, através da estrutura de objetos, penso a proteção e o isolamento, instâncias que a parede propõe, e as instabilizo, chocando essas características com as de um lugar de passagem, e também através do trabalho que em si é uma contenção frágil. De certa forma, delimitar um espaço já implica um bloqueio ou ao menos um filtro no trânsito através dele. Instabilizar estas marcações dos lugares é relacionar-me com o que eles designam. É olhar sua influência no habitar e nos hábitos, e minimamente tentar

alcançar uma maleabilidade possível, tornando-os menos rígidos.

Os lugares são fundados num sentido de acolhimento, de receber aqueles que o habitam, porém a partir do momento em que sua estrutura se enrijece, o lugar aos poucos se transforma num impedimento muito mais do que um facilitador. O movimento dos indivíduos sempre irá questionar as bases que motivam o construir, é algo que integra o habitar, a possibilidade dele ser mutável, de que o construir se ajuste às necessidades dos indivíduos. O movimento de edificar é uma das formas que temos de repensar os locais e o que eles proporcionam, porém se o construir é feito como um fim em si, apartado do habitar, seu sentido se torna turvo.

Pensar a flexibilidade dos espaços é de alguma forma abri-los, considerar um nível de incerteza ao abordá-los e abraçá-la. Incorporo um pensamento de Bachelard que propõe que a linguagem traz em si a dialética do aberto e do fechado; onde pelo sentido ela se fecha e pela expressão poética ela se abre. Utilizo e me relaciono então com elementos que estruturam o sentido dos lugares na procura de brechas que possam desvelar outras possibilidades de ocupá-los, um desvio que mostre um campo aberto nas formas que um lugar

pode adquirir, e não a rigidez de um caminho delimitado.

Através desse trabalho escrito me propus a procurar estas mesmas brechas no pensamento sobre o trabalho. Esbarrando em possibilidades que abrissem o campo da minha produção e as formas que ela pode tomar. Assumindo a fragmentação e a instabilidade como instâncias que propiciam essa abertura. Uma escrita que não se enraíza em um lugar, mas que transita, tropeça e lança possibilidades.



Cainan Rodrigues, Localizar, 2016



Abraham Cruzvillegas, The Autoconstrucción Suites, 2013

Bibliografia

Alÿs, Francis, Numa dada Situação, São Paulo: Cosac Naify, 2010. ISBN 788575039427

BACHELARD, Gaston, Poéticas do Espaço, São Paulo: Abril Cultural (Coleção os Pensadores), 1978. ISBN 9788533624191

BENJAMIN, Walter, Experiência e pobreza, São Paulo: Brasiliense (Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura), 1987, p. 114 - 119.

BONDIA, Jorge, Larossa, Notas sobre a experiência e o saber de experiência, Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003> >

COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória, Escritos de Artistas: anos 60/70, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2006. ISBN 8571109397

FLUSSER, Vilém, Do Inobjeto, Escola Superior de Arte e Mídia de Colônia : Arquivos Flusser, data indefinida. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v4n8/03.pdf>> .

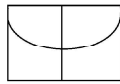
HEIDEGGER, Martin, Construir, Habitar, Pensar, (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954. Disponível em <http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>

JECU, Marta, Concepts Are Mental Images: The Work as Ruin, e-flux : Journal #18, 2010. Disponível em <<http://www.e-flux.com/journal/18/67439/concepts-are-mental-images-the-work-as-ruin/> >

NAVES, Rodrigo, O vento e o moinho: ensaios sobre arte moderna e contemporânea, São Paulo : Companhia das Letras, 2007. ISBN 9788535810223

SANTOS, Milton, A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção, 4. ed. 2. reimpr., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1) ISBN 8531407133

VILLAÇA, Nízia, A edição do corpo : tecnociência, artes e moda, Barueri, SP : Estação das Letras Editora, 2007. ISBN 9788569166107



Universidade de Brasília

